

Havia um “Freud brasileiro”? Notas biográficas e análise teórica das primeiras obras de Antônio Austregésilo

Was there a “Brazilian Freud”? Biographical notes and theoretical analysis of Antônio Austregésilo’s first works

Mikael Almeida Corrêa | Universidade Federal do Rio Grande

mikael.correa@furg.br

<https://orcid.org/0000-0003-0113-9330>

RESUMO No final do séc. XIX, a psicologia moderna era uma ciência em formação, com grande influência da neurologia e do movimento alienista. No Brasil, o neurologista Antônio Austregésilo Rodrigues de Lima (1876-1960) esteve entre os primeiros estudiosos da área, propondo inovações em psicoterapia e estudos de métodos emergentes, como a psicanálise. Este artigo apresenta uma análise documental de abordagem biográfica e discorre sobre suas três primeiras obras, do início do século XX (1916-1917). Tem como tese central que Austregésilo não foi apenas um precursor da psicanálise no país (um “freudiano brasileiro”), mas autor de contribuições originais ao campo da medicina mental, tanto em seus aspectos teóricos quanto técnicos (um “Freud brasileiro”).

Palavras-chave: história da psicologia – história do Brasil – psicoterapia – análise documental.

ABSTRACT *At the end of the 19th century, modern psychology was an early-stages science, with great influence from neurology and alienism. In Brazil, the neurologist Antônio Austregésilo Rodrigues de Lima (1876-1960) was among the first scholars in the field, proposing innovations in psychotherapy and studies of emerging methods, such as psychoanalysis. This study presents a document analysis with a biographical approach and discusses his three first works, from the early 20th century (1916-1917). The main thesis is that Austregésilo was not only a psychoanalysis pioneer in Brazil (a “Brazilian freudian”), but also the author of original contributions to the field of mental medicine, both in its theoretical and technical aspects (a “Brazilian Freud”).*

Keywords: *history of psychology – history of Brazil – psychotherapy – document analysis.*

Introdução

As últimas décadas do século XIX foram marcadas por uma intensa profusão de ideias na ciência psicológica. A psicologia moderna, ainda sem uma identidade coesa e diferenciação clara das demais ciências, tinha suas raízes dispersas na neurologia, na fisiologia e na prática empírica dos primeiros alienistas.¹ Por consenso, o marco fundacional da psicologia enquanto ciência independente é a criação do laboratório de pesquisas psicológicas de Wilhelm Wundt (1832-1920), na Universidade de Leipzig, em 1879 (Hothersall e Lovett, 2022, p. 183). Muitos de seus alunos alcançaram grande influência na Europa e nos Estados Unidos, com destaque para Emil Kraepelin (1856-1926), considerado um dos primeiros a contribuir para a psiquiatria moderna e a classificação de transtornos mentais (Wertheimer e Puente, 2020, p. 75). Contudo, narrar o desenvolvimento das medicinas da mente exige olhar não apenas para os centros de pesquisa, mas também para a realidade dos hospitais gerais e hospícios existentes na época.

Na Europa deste período, o estudo da mente humana e de seu adoecimento estava fortemente associado às controvérsias acerca da hipnose e da histeria. De um lado, Jean-Martin Charcot (1825-1893) explicava a hipnose como sendo, ela mesma, parte do fenômeno histérico – ideia que caracterizava sua escola no Hospital da Salpêtrière; de outro lado, Hippolyte Bernheim (1840-1919) buscava uma explicação “mais psicológica” para a hipnose, entendendo-a como fruto da sugestão e um fenômeno universal, não exclusivo da histeria, tornando-se líder da escola de Nancy (Rubin, 2017). A partir dos estudos de ambos, Sigmund Freud (1856-1939) iria também propor sua teoria explicativa da hipnose e da histeria, que marcaria seus estudos pré-psicanalíticos.²

O movimento alienista europeu, sobretudo a escola francesa, exerceu uma importante influência sobre o alienismo no Brasil (Teixeira e Ramos, 2012). Na cultura nacional, o termo remete ao conto *O alienista* de Machado de Assis ([1882] 2021), que, em sua ironia, denunciava os riscos de uma prática cujas fronteiras ainda eram tão incertas e, aparentemente, tão suscetíveis à subjetividade e à arbitrariedade do alienista (bem como à influência do positivismo político,³ em ascensão nos círculos intelectuais brasileiros). Porém, desde 1830, protestava-se no Brasil pela criação de uma instituição exclusiva e adequada para o tratamento dos “alienados”, de acordo com o molde já relativamente humanizado da Salpêtrière (COC/Fiocruz, [s.d.]). Ressalta-se que, já em 1848, há registros do estudo da histeria no país (Pinheiro, 1848). Em 1841, dom Pedro II (1825-1891) – a propósito, paciente e amigo pessoal de Charcot (Camargo et al., 2018; Teive et al., 2001) – autoriza, no ato da coroação, a criação do Hospício de Pedro II, o primeiro do Brasil.

Essa instituição, mais tarde chamada Hospício Nacional de Alienados, foi dirigida, a partir de 1903, por um dos primeiros colaboradores da psiquiatria no Brasil e primeiro médico negro brasileiro, Juliano Moreira (1873-1933) que, anteriormente, fora professor da Faculdade de

1 Termo que se refere ao alienismo – movimento iniciado na França, durante o século XVIII, como a primeira especialidade médica voltada ao tratamento das questões mentais sob um paradigma científico iluminista, visando atender ao considerável número de internos dos hospitais gerais, a fim de recuperá-los de seus estados de “alienação” ou “loucura” (Teixeira, 2019).

2 Cf. *Obras completas de Sigmund Freud, v. I: publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)* (Freud, 1996).

3 Termo que, aqui, refere-se aos ideais do positivismo político de Auguste Comte (1798-1857) e dos seus entendimentos e métodos para um suposto progresso e ordem social.

Medicina da Bahia. À frente do hospital, Moreira ficou conhecido por melhorar as condições físicas e de tratamento dos alienados (ex.: retirar grades e camisas de força, criar alas separadas para adultos e crianças) e estimular a busca por novos métodos de tratamento dos transtornos mentais (COC/Fiocruz, [s.d.]). Entre os médicos que integravam este corpo clínico, estava o neurologista Antônio Austregésilo Rodrigues de Lima (1876-1960), que colaborou substancialmente na inovação dos métodos e, como se pretende demonstrar neste artigo, fez contribuições originais em psicoterapia, não restringindo-se ao papel de um “precursor da psicanálise” no Brasil.

Para proceder a esta demonstração, este estudo utilizou o método de análise documental (Cellard, 2012) como fio condutor para sintetizar dados históricos e biográficos sobre Antônio Austregésilo, a fim de melhor compreender suas contribuições teóricas, sobretudo as datadas do início do século XX. Serão analisadas três obras do autor, que permitem identificar suas primeiras ideias e traçar paralelos com as ideias em plena difusão na Europa, no mesmo período.

Este trabalho justifica-se pela notável escassez de referências ao autor no campo da história da psicologia – um esquecimento que é incompatível com o pioneirismo e originalidade que o autor representa para a psicologia brasileira. A tese central apresentada é a de que Austregésilo foi não um “freudiano brasileiro”, mas um “Freud brasileiro” – título que pretende denotar a semelhança entre as trajetórias de ambos, a simultaneidade de suas investigações e a originalidade da obra de Austregésilo, que não se confunde à teoria freudiana, embora a reconheça. Assim, propõe-se que considerá-lo como um dos precursores da psicanálise no Brasil (Jabur, 2007), embora não seja de todo errôneo, também não contempla na totalidade o caráter das suas contribuições. Para isso, a seguir a exposição será dividida em três etapas: descrição dos procedimentos metodológicos que foram utilizados; narrativa de aspectos biográficos sobre o autor e seu contexto; e, por fim, reflexões críticas sobre as obras analisadas.

Análise documental e abordagem biográfica

A coleta de fontes relacionadas a Antônio Austregésilo partiu do método de documentalmente (Vinuto, 2014), no qual uma ou mais fontes de especial relevância norteia a busca de outras fontes. Com este método, buscou-se uma adequação ao difícil acesso às obras do autor, que se encontram restritas a edições esgotadas, localizadas somente em bibliotecas ou no comércio informal de livros usados (ex.: “sebos”, leilões, coleções de obras antigas). Também foram consultados arquivos públicos, disponibilizados em acervos digitais (jornais e periódicos), que serão especificados no decorrer da exposição.

A análise das fontes teve como base o método de análise documental de Cellard (2012), que estabelece etapas fundamentais para a análise de diferentes tipos de documentos e resquícios do passado. O método inclui, além do texto escrito, objetos, fotografias, registros audiovisuais, entre outros. Assim, Cellard oferece orientações para a identificação e de busca de fontes, arquivadas ou não arquivadas, mesmo em locais inicialmente improváveis, que são de especial utilidade quando a investigação se refere a fontes escassas ou de difícil acesso.

Para proceder uma análise documental, Cellard (2012) sugere a realização de uma pré-análise, que se dá em cinco etapas: (1) contexto; (2) autor; (3) autenticidade e confiabilidade do texto/fonte; (4) natureza do texto/fonte; e (5) conceitos-chave e lógica interna do texto/

fonte. A etapa sobre o contexto envolve o exame do cenário global no qual o documento foi elaborado; a trama cultural, econômica e política que caracterizam significativamente a época e que podem contribuir para a compreensão da fonte e prevenir anacronismos. Sobre o autor, analisam-se questões que envolvem, por exemplo, sua identidade, interesses, grupo social, período de vida. Os elementos referentes ao texto em si envolvem criticar o quanto a fonte é autêntica e qual o contexto no qual foi produzida. Por fim, deve-se identificar e elucidar os conceitos-chave e a lógica interna do texto, com especial atenção a termos empregados pelo autor e o significado que tinham na época.

Após a análise preliminar das fontes, a evidência historiográfica foi agrupada a partir da abordagem biográfica (Sokal, 1998), na qual a vida e a obra do autor são utilizadas para a reconstrução dos acontecimentos em uma narrativa coesa, ora recorrendo à evolução do pensamento do autor (internalista), ora enfatizando suas relações com o contexto social e cultural da época (externalista). Este estudo, especificamente, tem como foco a etapa inicial da evolução de pensamento de Austregésilo, retratada em suas primeiras obras de exposição autoral, escritas em 1916: *Pequenos males*, *A cura dos nervosos* e *O mal da vida: ensaio de psicoterapia filosófica* (publicado em 1920, mas escrito entre 1916-1917).⁴

Notas biográficas sobre Antônio Austregésilo

Nascido em Recife, em 21 de abril de 1876, Antônio Austregésilo Rodrigues Lima viajou aos 16 anos para o Rio de Janeiro (na época, capital brasileira) para estudar medicina. Graduou-se em 1899, com a tese *Estudo clínico do delírio*, evidenciando interesse pela psicopatologia desde o início de sua carreira (Dalgalarro et al., 2020). Entre 1895 e 1899, esteve como residente do Hospital Nacional de Alienados – antigo Hospício de D. Pedro II – onde depois iria trabalhar por décadas (Ao professor..., 1945).

Conta-se que sua ascensão social e acadêmica foi dificultada por conta do preconceito quanto a sua origem e características pessoais: nordestino, pardo, de condição humilde e com tartamudez (“gagueira”) (Teive et al., 1999). Residiu no convento Santo Antônio e contava somente com os proventos de seu próprio trabalho.⁵ Contudo, apesar das dificuldades iniciais, assumiu várias atividades de medicina interna e psiquiatria entre 1901 e 1909, já integrando o corpo clínico liderado por Juliano Moreira, até ingressar como professor na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Teive et al., 1999), onde lecionou até sua aposentadoria em 1944.

4 O período de escrita da obra *O mal da vida* pode ser evidenciada no próprio corpo do texto, onde se lê: “Faz cinco meses (1917), que estive com um ex-diplomata que lamentou o tempo precioso que perdeu em Paris” (Austregésilo, 1917, p. 49).

5 Cf. discurso de recepção de Mário de Alencar na Academia Brasileira de Letras (Alencar, 1914).



Figura 1: Antônio Austregésilo togado em sua formatura em Medicina, c.1899 (Acervo da Família Austregésilo)

Em 1905, contribuiu com primeira edição do *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins*, que era editado no interior do hospital, com auxílio de enfermos tipógrafos (Facchinetti, Cupello e Evangelista, 2010). Nessa primeira contribuição, comentou o texto "Paranoia" ("Verrücktheit") de Kraepelin (Austregésilo, 1905, p. 134-135).⁶ O modelo kraepeliano foi explicitamente posto como referência do grupo para tratar dos alienados. Além disso, também contribuiu com diversas resenhas de obras europeias da área. Como era comum à época, Austregésilo interessou-se pelo estudo da histeria. Diferentemente de seus contemporâneos, porém, não enfatizava a associação da histeria com o sexo feminino (Nunes, 2010), e sim criticava a imprecisão desta entidade nosológica, que estaria levando os médicos a darem este rótulo a quaisquer casos difíceis, sobretudo com pacientes mulheres (Austregésilo, 1908). Essa inquietação, aliada ao seu antigo interesse pela semiologia dos transtornos mentais, provavelmente motivou sua proposta de fundar uma comissão para a classificação de doenças mentais, que pudesse servir de base estatística para os manicômios nacionais. Cerca de uma década depois, os resultados dessa classificação foram publicados na *Archivos*, em 1919 (Moreira, 1919, p. 93-115).

6 Cf. acervo digital da Biblioteca Nacional, onde o referido periódico consta catalogado como *Arquivos Brasileiros de Neuiriatria e Psiquiatria (RJ)* (código: TRB04036.0046) e também como *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal (RJ)* (código: TRB01466.0199), que é como passou a ser chamado a partir de 1908, dentre outros nomes que o periódico teve (cf. Facchinetti, Cupello e Evangelista, 2010).

Em 1908, a publicação do artigo “Novas concepções sobre a hysteria” (Austregésilo, 1908) permite identificar suas principais influências no início do século XX. Com relação à histeria, Austregésilo pendeu mais para o conceito de pitiatismo de Joseph Babinski (1857-1932), também aluno de Charcot, que a definia como uma alteração de estado psíquico, na qual a pessoa está bastante predisposta a autossugestão e, portanto, deveria ser tratada também pela sugestão (ou, mais precisamente, pela persuasão) (cf. Austregésilo, [1909] 2010). Austregésilo (1908) defendia que as ideias de Babinski seriam vitoriosas sobre as de Freud e de Breuer no debate sobre a histeria. A concepção de pitiatismo influenciou neurologistas como Joseph Déjerine (1849-1917), que também foi uma importante referência para Austregésilo, como destaca Oliveira (2002, p. 137) ao identificá-lo como “leitor tanto de Déjerine, quanto do fundador da Escola de Nancy, Bernheim, mas sobretudo do discípulo preferido de Charcot, Babinski, com quem partilha também muitas das posições”.

Austregésilo (1908, p. 53) resume as ideias de Babinski da seguinte maneira: “a auto-sugestão crea o symptoma; a suggestão pode reproduzil-os, a persuasão fal-os desaparecer”. Em seguida, diferencia esses conceitos, entendendo a sugestão como um método de força, no qual o sugestionador impõe uma ideia, geralmente com uso da hipnose; enquanto a persuasão seria um método de convencimento, que se opera por meio do esclarecimento e da demonstração racional das ideias sugeridas. Defende que a teoria freudiana “é, apenas, em nossa opinião mais uma theoria” (p. 65), entre as demais tentativas de esboçar um modelo explicativo e terapêutico eficaz para o fenômeno da histeria.

O ano de 1912 traz um marco importante para Austregésilo, ao fundar a primeira escola brasileira de neurologia, desempenhando um importante papel de pioneirismo da área no Brasil e iniciando um período de viagens para a Europa e Estados Unidos, visitando diferentes departamentos neurológicos (Camargo et al., 2018). Em 1914, integra a Academia Brasileira de Letras (ABL), ocupando a Cadeira n. 30 (ABL, [s.d.]). Neste mesmo ano, seu aluno Genserico Aragão de Souza Pinto (1914) publicou o que, provavelmente, foi o primeiro texto psicanalítico do Brasil, *Da psicoanalise: a sexualidade nas nevroses*. No proêmio da tese, Genserico menciona e caracteriza Austregésilo, “cujo espirito arguto afeito às altas questões sientificas nada escapa, embora não seja ainda um adepto incondicional e absolutista da teoria de Freud, tem na sua vida clinica uma série infinita de observações de estados nevropaticos dependentes das desordens psicosexuaes” (p. VI). Também afirma que Austregésilo entendia as *nevroses* como um problema ainda em aberto e, por isso mesmo, muito sujeito a doutrinas “personalíssimas e que estão ao talante do espirito filosófico do observador” (p. 39), como ocorria com a teoria freudiana, em sua opinião.

Tais ponderações dão prova documental de que as influências de Austregésilo, no início do século, não tinham predomínio freudiano (embora fizesse concessões às ideias de Freud) e sim predomínio da vertente representada por Bernheim, Babinski e Déjerine. Em 1916, enfim, as delimitações teóricas de Austregésilo ficam mais claramente expostas, com a publicação de seus primeiros livros autorais: *Pequenos males* e *Cura dos nervosos*. No ano seguinte, também concluiu *O mal da vida: ensaio de psicoterapia filosófica*, que, contudo, só seria publicado em 1920. Essas são as três obras que serão analisadas na próxima seção deste artigo.



Figura 2: Antônio Austregésilo (ao centro) e equipe médica, em local identificado como “Clínica Médica - Mulheres”, c.1900-1920 (Fonte: Acervo da Família Austregésilo)

A segunda década do século XX deu início a um período de maior atividade pública e institucional de Austregésilo. Ainda em 1919, passa a integrar a direção científica da *Archivos*. Entre 1922 a 1930, teve carreira política como deputado federal por Pernambuco (Soares e Suzuki, 2017, p. 210). O ano de 1927, no Brasil, marca o início oficial do movimento psicanalítico, quando Durval Marcondes (1899-1981) e Franco da Rocha (1864-1933) escrevem para Freud, sobre a ideia de criar a Sociedade Brasileira de Psicanálise – a primeira na América Latina. O início da sociedade ocorreu com o lançamento da *Revista Brasileira de Psychanalyse*, em 1928, da qual Freud recebeu um exemplar e respondeu por carta, encorajando a iniciativa (CFP, 2004).

Apesar da sua proximidade com esses contemporâneos, Austregésilo seguia defendendo uma postura de neutralidade científica com relação à psicanálise, vista enquanto mais um método a ser analisado e depurado. Em sua palestra “Psico-análise nas doenças mentaes e nervosas”, afirma que “não podemos negar que no conceito de Freud haja muita verdade; porém, ainda não estamos convencidos que todas as suas doutrinas sejam verdadeiras. Muitos factos clínicos confirmam as teorias freudianas, outros, porém, negam-na cabalmente” (Austregésilo, 1922, p. 120). Juliano Moreira, em complemento à sua exposição, discerne: “não é indispensável ser partidário orthodoxo das idéas de Freud para aproveitar-lhes o que ellas tenham de aproveitável” (citado em Austregésilo, 1922, p. 122).

Na década de 1930, Austregésilo assume presidências tanto na ABL (1939) quanto na Academia Nacional de Medicina (1935). Merece menção a sua relação com Nise da Silveira (1905-1999), que pretendia seguir a neurologia, até que Austregésilo, enquanto seu professor,

a incentivou a cursar psiquiatria; anos depois, em 1933, apoiou sua investidura no concurso para atuar no Hospital Nacional de Alienados, contribuindo com o pagamento da sua inscrição (Macedo, 2021). Ali iniciava a carreira psiquiátrica de Nise, que marcou a história da psiquiatria brasileira e da causa pela humanização dos tratamentos psiquiátricos. Por fim, no final dos anos 1930 e na seguinte década de 1940, Austregésilo dedicou-se às suas obras da maturidade, nas quais esboçou teorias mais abrangentes sobre a psique humana e seu tratamento, inclusive indagando sobre questões teológicas, como se lê em obras como *Lições da vida: ensaio de filosofia biológica*, *Disciplina espiritual* e *Ascensão espiritual*, publicadas em 1934, ou em *Moral biológica*, publicada em 1945.

A década de 1950 representa seus últimos anos de vida. A documentação que oferece informações sobre este período é a autobiografia do ator, escritor e apresentador de televisão José Eugênio Soares – o “Jô Soares” (1938-2022), de quem Austregésilo foi sogro, pelo casamento da filha Teresa Austregésilo (1934-2021). Além de resumir o início de vida e contar anedotas gerais sobre Austregésilo, Jô descreve que o conheceu em 1959, quando já enfrentava a doença de Alzheimer, acamado (Soares e Suzuki Jr., 2017, p. 214). Conta que Austregésilo havia reunido a família, anos antes, para comunicar com exatidão como seria o curso do seu adoecimento dali em diante. Jô Soares o homenageou inserindo-o como personagem de seu romance *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras* (2005), como forma de lembrar também de suas contribuições literárias. Antônio Austregésilo faleceu em 23 de dezembro de 1960.



Figura 3: Antônio Austregésilo trajando o tradicional “fardão dos imortais” da Academia Brasileira de Letras, c.1930-1940 (Fonte: Acervo da Família Austregésilo)

A reunião de dados historiográficos em uma narrativa biográfica permite situar o autor em seu contexto histórico, tanto no que se refere à sua trajetória pessoal e a evolução de suas ideias (ponto de vista internalista), quanto ao contexto mais geral e remoto no qual se situam as suas contribuições (ponto de vista externalista) (Sokal, 1998). Nesta exposição, é possível inserir Austregésilo na vasta congregação de autores do período de transição entre os séculos XIX e XX, que ainda buscavam uma identidade coesa para a psicoterapia e para o novo ramo científico que tal prática exigia. Tal problema foi posto, principalmente, pelas dificuldades diagnósticas da histeria, que demandaram novos modelos explicativos e terapêuticos, uma vez que o modelo médico vigente não oferecia soluções claras.

Dentre os novos modelos explicativos, a psicanálise de Freud foi a vertente que obteve maior adesão e difusão, embora não fosse a única – e, até meados de 1920, ainda não atingira uma forma completa e sistematizada. As primeiras contribuições de Austregésilo na *Archivos* sinalizam uma preferência pela vertente da sugestão e da persuasão, embora o autor também tenha reconhecido certas ideias pré-psicanálticas de Freud e orientado a primeira tese brasileira sobre psicanálise. Aparentemente, após um período exploratório, o autor reservou a exposição mais sistemática de seu pensamento e de seus métodos para suas obras autorais, a partir de 1916. Tendo isso em vista, a seguir serão analisadas essas primeiras obras autorais de Austregésilo. O foco da análise será identificar quais eram as proposições teóricas e terapêuticas expostas pelo autor, bem como verificar com quais vertentes do período é possível associá-las.

Análise de Pequenos males [1916]

O ensaio *Pequenos males* constitui o primeiro livro autoral de Austregésilo – considerando como “livro autoral” os trabalhos que não se referem a artigos ou materiais didáticos de neurologia e de clínica médica, e que contenham exposições conceituais, filosóficas e de métodos clínicos propostos pelo autor. As informações de análise preliminar sobre o contexto e o autor foram apresentadas anteriormente. Com relação ao texto em si, compõe-se de anotações de uma conferência realizada em Belo Horizonte e outras promovidas pelo diretor da Biblioteca Nacional, acrescidas de outros capítulos que dão continuidade ao tema. A edição consultada para este estudo foi publicada em 1917, em segunda edição lançada pela editora Jacintho Ribeiro dos Santos e produzida pela tipografia do *Jornal do Commercio* de Rodrigues e Comp.

Desde o prefácio, o autor o situa como um livro de psicologia: “não é de moral, nem de religião, nem de medicina” (Austregésilo, [1916] 1917, p. 5). O termo “pequenos males” se refere a moléstias de caráter leve, que ocorrem tanto em nível individual quanto coletivo, mas que ainda assim – e justamente por isso – se alastram facilmente e dominam o caráter de um indivíduo ou de uma coletividade. Ao longo a exposição, Austregésilo apresenta sete pequenos males: (1) o cultivo artificial da dor; (2) a neurose do medo; (3) os erros do pão e do amor; (4) a preguiça patológica; (5) a doença da mentira; (6) a moléstia do ciúme; e (7) o imitar. Ao descrevê-los e explicar suas manifestações, o autor teoriza sobre a presença desses males na alma humana (i.e., na psique), reconhecidos desde a Antiguidade, fazendo uso de diversas referências mitológicas, literárias e filosóficas que os expressam ou caracterizam. Do mesmo modo, o autor apresenta os métodos terapêuticos que empregava para lidar com cada um, incluindo orientações sobre como evitá-los na vida cotidiana.

De um modo geral, Austregésilo apresenta a psicoterapia como um método novo e promissor para tratar os pequenos males, sendo essa psicoterapia baseada na persuasão racional e na reeducação mental, que são complementadas por uma higiene dos hábitos. A base ontológica para esse método é a influência que as ideias (i.e., a mente) são capazes de exercer sobre o corpo, tanto no sentido de adoecê-lo, quanto no sentido de curá-lo.

A psicoterapia é o método soberano para estas curas. Dubois mostrou-se o apóstolo arraigado destas doutrinas. Todo sofredor deve manter em suas mãos os livros de psicoterapia. Começamos pela Higiene da alma de Feuchtersleben: é um bálsamo. [...] A educação do espírito tem uma consequência utilíssima: o bem estar da alma, e a influência da idéia sobre o corpo. A psicoterapia afirma, pelas palavras dos seus apóstolos, que o espírito exerce grande influência e grande predomínio sobre o corpo, e as alterações destes reflectem-se na alma (Austregésilo, [1916] 1917, p. 41-42).

O autor adota, de Paul Charles Dubois (1848-1918), o método da psicoterapia de persuasão racional e, de Feuchtersleben (1806-1849), o entendimento filosófico sobre a influência da mente sobre o corpo, e o potencial curativo dessa influência. O autor traz exemplos de fenômenos mente-corpo, caracterizando uma espécie de teoria psicossomática, que ajudaria a compreender adoecimentos de diferentes tipos. Assim, os pequenos males podem ser entendidos como subjacentes a diferentes transtornos: o cultivo artificial da dor, movido por escrúpulos ou ideias dramáticas, conduz a uma hipersinestesia, associando-se à histeria e à hipocondria (ou ao atual transtorno factício); a neurose do medo, associada à ansiedade, pânico, ao terror noturno e às fobias em geral; os erros do pão, aos atuais transtornos alimentares; os erros do amor, às parafilias e fetiches; a preguiça patológica associa-se à neurastenia ou doenças físicas ou à depressão; e, por fim, a mentira, o ciúme e a imitação associam-se a diferentes problemas de convivência e de relacionamento. E a terapêutica para esses males, apesar de diversos, sempre volta para a persuasão e a reeducação:

Mas a grande cura reside na reeducação das emoções, na persuasão constante, porque a tendência natural desses processos morbidos é para a cura. É, em síntese, a psicoterapia, o método terapêutico da lógica persuasiva.

[...] O método persuasivo é altamente lógico, porque se origina da razão e não exclusivamente da sugestão [...] e nada mais racional que combater falsos pensamentos, por palavras verdadeiras (Austregésilo, [1916] 1917, p. 97-99).

Ou seja, o entendimento de psicoterapia proposto por Austregésilo consiste na reeducação da mente e das emoções, facilitada pela persuasão racional feita pelo terapeuta, que deve “demonstrar sempre, pacientemente, o infundado dos temores, com o raciocínio e não com as imposições ou sugestão dominadora” (Austregésilo, [1916] 1917, p. 102). Menciona que a crença de Freud de que a origem das neuroses está no recalque da libido é exagerada, apesar de “reconhecer muita verdade nos factos invocados por Freud” e considerá-lo “grande psicólogo e grande neurologista” (p. 77). Por fim, o autor conclui a exposição com o capítulo “Conselhos meus”, no qual indica diferentes estratégias de manejo do sono, da rotina e da alimentação para lidar com a dispepsia (i.e., desconfortos gástricos e digestivos, em geral).

Análise de *Cura dos nervosos* [1916]

O livro *Cura dos nervosos* foi escrito após o ensaio *Pequenos males*. A edição consultada para este estudo foi publicada em 1946, no volume V das *Obras completas*, lançado pela Editora Guanabara (Waissman Koogan Ltda.). No prefácio da primeira edição, o autor comenta que, tal como o primeiro livro, este pretende dar conselhos aos nervosos, de modo aprofundando, mas em linguagem simples. Assim, o autor inclui o livro em um gênero que, posteriormente, seria chamado “autoajuda”. Afirma que “em vernáculo não se há publicado obra dêste jaez” (Austregésilo, [1916] 1946, p. 9), embora fosse um gênero comum no meio médico francês. Ainda no prefácio, o autor cita que os seus últimos 20 anos de experiência clínica o fazem reconhecer cada vez mais a “influência do espírito sobre o corpo” – ideia que parece ter se mantido nos anos seguintes, conforme o prefácio da 6ª edição, de 1933 (reproduzido na edição de 1946), onde afirma:

Cada vez mais confio na ação psicoterápica, porque em geral o doente sofre pelos erros da imaginação e pelo exagero das comoções morais. A psicoterapia é o método da verdade e do esclarecimento das falsas idéias, acrescido da sugestão que é o caminho mais profícuo para o bom êxito da cura das psiconeuroses, sobretudo da histeria e da neurastenia (Austregésilo, [1933] 1946, p. 11).

De modo geral, o conjunto de reflexões do livro é uma reafirmação da psicoterapia por meio do método de persuasão, em continuidade ao livro *Pequenos males*. Ao longo da obra, tal como na anterior, são frequentes as referências a Bernheim, Dejerine e, especialmente, Dubois, a quem se refere como sendo “o maior paladino moderno da psicoterapia” (Austregésilo, [1916] 1946, p. 48). Inicia descrevendo as características comuns aos indivíduos “nervosos”, que incluem instabilidade, irritabilidade e, principalmente, o exagero e ruminação das comoções (p. 15). Tais comoções são agitadas e hiperdimensionadas justamente pela capacidade humana de auto-sugestão, que gera raciocínios errados e ideias fixas, que agravam ou geram novos sintomas.

As relações existentes entre o espírito e o corpo são tão grandes, que basta o individuo concentrar o pensamento no órgão para que medre novo sintoma aflitivo. O pensamento humano é quantidade neutra, que tanto pode ser conduzido para o bem, como para o mal. Nos nervosos êle é sempre arrastado para o mal orgânico ou para a tristeza, para o cultivo das dores físicas, ou morais, e amiude se apega tanto aos órgãos como a ostra ao rochedo (...)

Estas palavras não padecem dúvida, e a vasta experiência de DUBOIS, BERNHEIM, DEJERINE, homens de responsabilidade moral e científica inconcussa, confirma as noções acima referidas (Austregésilo, [1916] 1946, p. 32).

Contudo, a obra não se restringe a reafirmar a anterior. Em *Cura dos nervosos*, Austregésilo ([1916] 1946) descreve com maiores detalhes seu método terapêutico em si. Os procedimentos consistem em aplicações ou complementos da sugestão e da persuasão, que juntos compõem o que chama de processo de reeducação mental (p. 97). Dentre os complementos, destacam-se o exercício físico, a farmacoterapia e a fisioterapia (p. 43). A aplicação da persuasão, propriamente dita, fica ao encargo do terapeuta – e, posteriormente, de outras pessoas próximas aos pacientes, que tenham sobre eles “certo grau de ascendência” (p. 99). Ao descrever as etapas da reeducação mental, Austregésilo enfatiza e caracteriza a relação terapêutica, através da qual o método se torna eficaz.

Todo processo brutal, imperioso, é inútil. A reação deve ser lenta, constante, baseada no método da doçura, do afeto e da paciência (Austregésilo, [1916] 1946, p. 103)

(...) A alma do nervoso deve ser tratada com bastante carinho e sem nenhum menospreço. Nada incomoda mais ao doente do que serem ridicularizados os seus sofreres; é ofensa ao amor próprio de quem se martiriza, por idéias erradas e comoções venenosas.

O bom sistema de cura reside na reeducação progressiva da vontade e da imaginação, por parte do doente, com a iniciação do médico (p. 104-105).

Por meio dessa relação terapêutica, o clínico ganha confiança e “ascendência” sobre o paciente, que, assim, permite-se ser persuadido. Além disso, uma vez que “a reeducação pode ser do ato ou da idéia” (Austregésilo, [1916] 1946, p. 97), o paciente também se engaja em tarefas terapêuticas, a exemplo da exposição gradual aos estímulos fóbicos:

Conheço, como clínico, vários pavores na subida de Petrópolis, na passagem de Grotta Funda, de indivíduos que se sentem mal quando por aí transitam. Nos passeios do Corcovado, Pão de Açúcar, sei de sucessos análogos.

Tenho conseguido vencer, em diversos pacientes, pelo método da repetição suave e raciocinada do ato que produz o pavor, várias fobias antigas e bem constituídas (Austregésilo, [1916] 1946, p. 100).

Por fim, após obter avanços consideráveis sobre as ideias e comoções que sustentam as neuroses, o paciente deve dar seguimento ao seu processo de reeducação mental, engajando-se no que o autor chama de “auto-psicoterapia”. Esse processo consiste em ser acompanhado por uma pessoa que o auxilie, por persuasão, a manter a autossugestão conquistada na psicoterapia. Além disso, a autopsicoterapia realiza-se por meio da repetição de autoafirmações racionais (i.e., exercícios de autossugestão) e da leitura de obras construtivas sobre psicologia: “Conheço vários exemplos de consulentes em que pus nas mãos as obras de DUBOIS e ZBINDEN, com as quais sentiram grande alívio e ficaram curados” (Austregésilo, [1916] 1946, p. 43). Esses procedimentos caracterizam a base técnica da psicoterapia praticada por Austregésilo, que se diferencia do método freudiano (i.e., a psicanálise), embora esse já estivesse em voga nos consultórios brasileiros na época, como se lê:

O método curativo da psicanálise de FREUD tem sido praticado entre nós, na clientela privada. Prefiro, porém, os meios gerais de análise mental, os métodos psicoterápicos, para apagar as idéias sentimentais ou as emoções mórbidas que cansam ou irritam a alma do padecente (Austregésilo, [1916] 1946, p. 92).

Análise de “O mal da vida: ensaio de psicoterapia filosófica” [1917]

O ensaio *O mal da vida* foi escrito entre os anos 1916-1917. A edição consultada foi publicada pela Livraria Francisco Alves, em 1920. Trata-se de uma obra de escrita simples e objetiva – contudo, de conteúdo mais filosófico e existencial, quando comparada às anteriores. Nesse livro, Austregésilo explora a busca humana pela felicidade, destacando a insatisfação inerente a

essa busca incessante, o que configura justamente “o mal da vida”. O mal da vida, para o autor, é a ânsia de ser feliz que, por jamais ser alcançada plenamente, torna o ser humano insatisfeito e invejoso (Austregésilo, [1917] 1920, p. 8-9, 17). O autor demonstra que, uma vez que a plena felicidade jamais é alcançada, cria-se um ciclo de constante insatisfação, que tenta ser superada por processos como a comparação e o apego a símbolos externos de felicidade, que são pontos de referência inadequados para avaliar a própria vida. A resolução para esse dilema, então, está na formação consciente de uma filosofia pessoal de vida:

A primeira condição para ser feliz está em adotar uma filosofia pessoal. Ora, isto não é fácil, porque é dos manjares mais difíceis, ao gosto da alma, uma san filosofia. O conceito da felicidade traz sempre em si um problema filosófico, e não é fácil aos homens criar filosofias sinceras (Austregésilo, [1917] 1920, p. 30-31).

Ao postular a necessidade de uma filosofia pessoal de vida para que essa, sim, seja uma referência adequada para a felicidade, Austregésilo apresenta, sumariamente, o que considera as principais filosofias de vida já existentes na história, que podem ser modelos possíveis para o aperfeiçoamento pessoal e ético do indivíduo. O autor discorre sobre as filosofias do pessimismo, do otimismo e do estoicismo, como lentes através das quais podemos enxergar a vida:

O pessimismo é a doutrina filosófica, interpretadora e moral, que conclue ser a vida má, que todos os actos que tendem melhorá-la, agravam o próprio mal (Austregésilo, [1917] 1920, p. 116).

A doutrina do otimismo não nega o mal sobre a terra; apenas, de acordo com seu corporificador Leibniz, considera o mundo como existe, o melhor possível (p. 143).

Zeno foi o fundador desta escola cheia de ensinamentos morais para o homem. A base essencial da doutrina está na idéia de esforço ou de tensão (p. 169).

Ele oferece uma análise perspicaz das três perspectivas, enfatizando a complexidade que caracteriza o pessimismo, a aceitação do mundo imperfeito que caracteriza o otimismo e a busca pela serenidade e pela virtude, que fundamenta o estoicismo. Dentre essas, ressalta o estoicismo como sendo a filosofia mais sensata a ser adotada por aquele que se encontra no esforço de lidar com suas questões e sofrimentos pessoais. Apesar de relativizar o que seria uma visão rude do estoicismo, comenta que:

A doutrina estoica mostra-se-me uma das mais belas, brilhantes e indispensáveis à vida dos lutadores. A moral estoica é sempre consoladora e se as contingências humanas não lhe permitem a total execução, contudo o espírito goza interiormente o que os acontecimentos exteriores não podem dar, ou prometer (Austregésilo, [1917] 1920, p. 177).

O elogio do estoicismo por parte de Austregésilo refere-se, mais enfaticamente, a Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C.-65 d.C.):

Seneca resumiu, para mim, o mais belo e nobre estoico dos que tantos amaram e seguiram a doutrina de Zeno, e cuja sumula das principais idéas estão em considerar a existência como um combate de energia e vontade individuais contra os perigos e ameaças do ambiente, e

a felicidade como resultado espontâneo da virtude, e esta como a vitória da razão sobre as paixões, isto é, pela cultura da energia, e da serenidade diante dos obstáculos (Austregésilo, [1917] 1920, p. 189).

Assim, o autor destaca a filosofia estoica, dentre as citadas, no que se refere à busca pelas virtudes e do domínio das paixões, sobretudo perante as adversidades da vida. Tal preferência e, até mesmo, uso terapêutico de preceitos estoicos era comum entre os primeiros alienistas (Braunstein e Pewzner, 2003, p. 29), incluindo Dubois (1906), que é referenciado pelo autor em diversas ocasiões.

A psicoterapia, a arte de curar as enfermidades do espírito, por idéias sãs, e afastar as comoções, ou angustias infundadas da alma com os conselhos úteis e persuasivos, e que aconselha o otimismo ou o estoicismo sereno perante as magoas insolúveis, teve em Dubois o verdadeiro apóstolo e o forte difusor de sua utilidade (Austregésilo, 1920, p. 85-86).

Porém, Austregésilo (1920) conclui o livro destacando a necessidade de uma síntese eclética e pessoal dessas filosofias. Advoga pela primazia do cumprimento dos deveres – o que inclui os deveres de ordem social, filosófica e religiosa do indivíduo – como formas de obter realização na vida (p. 249). Ele enfatiza que a verdadeira realização reside na ação e no equilíbrio entre pensamentos e sentimentos. Em suma, o autor apresenta a psicoterapia como sendo a arte de curar as enfermidades do espírito por meio do estímulo de idéias saudáveis, por meio do aconselhamento persuasivo. Este aconselhamento, por sua vez, precisa basear-se em uma filosofia de vida que o indivíduo adota conscientemente.

Dentre as três primeiras obras autorais, *O mal da vida* é a mais voltada aos aspectos existenciais da psicoterapia. Aparentemente, deu sequência a escritos de caráter mais técnico-científico, onde a abordagem clínica é apresentada (ainda que de modo exploratório), para, então, destacar o aspecto filosófico-existencial que sustenta essa abordagem clínica. Em resumo, a obra ressalta o quanto a ética da felicidade se reflete nas atitudes do indivíduo e na sua forma de experimentar a vida. Portanto, a ética tem uma função psicoterápica, e cabe ao terapeuta examiná-la, junto ao paciente, a fim de torná-lo mais consciente dela. Mas, como todas as éticas possuem limitações, Austregésilo sugere a formação de uma ética pessoal eclética, buscando uma síntese que transcenda as abordagens filosóficas mencionadas e que dê primazia ao cumprimento dos deveres, como sendo o ápice das aspirações humanas.

Considerações finais

Durante as últimas décadas do século XIX, marcadas pela efervescência das idéias na ciência psicológica, o Brasil teve em Austregésilo um importante protagonista desse movimento nascente, que daria início a uma nova forma de psicologia e psiquiatria aplicadas: a psicoterapia. Este estudo explora suas contribuições originais para o campo da psicoterapia, datadas do início do século XX, defendendo que, apesar do predomínio das idéias freudianas nesse período, o autor não foi um “freudiano brasileiro”, mas um “Freud brasileiro”, no sentido de engajar-se em investigações e contribuições originais de modo análogo àquelas empreendidas por Freud, em Viena. Para isso, foram apresentadas evidências documentais que embasam esse ponto de vista, bem como demonstram quais eram, então, as principais influências teóricas e técnicas do autor, a saber: a escola francesa de persuasão racional e autossugestão, a psiquiatria kraepeliniana e

preceitos filosóficos de ética e moral (de modo especial, os estoicos). Um arranjo peculiar de tais influências levou Austregésilo a criar, como afirmam Russo e Carrara (2002, p. 278), “uma interpretação bastante pessoal dos distúrbios mentais”.

A originalidade das ideias de Austregésilo já foi reconhecida por outros comentaristas. Neves-Manta (1978), por exemplo, compara seus “conceitos revolucionários” (p. 14) com os de autores que marcaram a história da psicologia e da psiquiatria modernas, como William James, Kraepelin e o próprio Freud. Mesmo com ressalvas com relação à psicanálise, foi um dos primeiros brasileiros a comentar e refletir a respeito desse modelo, e até mesmo fazer concessões a ele (Castro, 2017). O verbete dedicado ao autor no *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil: pioneiros* (Jabur, 2007, p. 67), menciona que “chegou a produzir sua própria concepção psicoterápica, na qual estabelece uma curiosa conjugação entre Neurologia e Psicanálise”. Sua eventual afeição ao modelo freudiano foi, porém, sem estrita adesão e com clara diferenciação, como espero ter demonstrado aqui. A eventualidade das concessões de Austregésilo à psicanálise pode induzir à impressão de que o autor era, na verdade, um psicanalista de conhecimento superficial, por conta da brevidade com que menciona as ideias freudianas. Essa conclusão está demonstrada, aparentemente, nas menções de Perestrello (1986, p. 198) e de Moretzsohn (2018). Contudo, uma explicação alternativa é o fato de o autor reconhecer as contribuições de Freud, mas não prestar devotada adesão à sua interpretação geral do psiquismo, como iria se tornar comum no avançar do século XX. Ao contrário, Austregésilo explicita em suas obras que estava engajado em um modelo teórico próprio, e que esse tinha como principais influências autores que não eram adeptos da psicanálise freudiana (a qual, reafirma-se, ainda não alcançara uma estruturação formal).

Para explicar o certo “esquecimento” de Austregésilo e de suas contribuições, são necessárias algumas considerações sobre a posição do Brasil na circulação mundial das ideias. Ao explorar os apontamentos de Pascale Casanova (2002) em *A república mundial das letras*, percebe-se o quanto o sistema literário (em sentido amplo, das obras escritas) é atravessado por um conjunto de fatores geopolíticos, econômicos e do acúmulo de capital literário de certos países ao longo da história – o que acaba por favorecer que determinadas obras e autores possam emergir como protagonistas e tornarem-se “clássicos”, “referências”, enquanto outros são limitados às margens da circulação mundial. Assim, “os ‘clássicos’ são o privilégio das nações literárias mais antigas” (Casanova, 2002, p. 29), uma vez que são alçados a esse patamar, em grande parte, pelas vantagens de tais nações em construir um intenso movimento em torno das ideias de seus autores, a partir das instituições literárias, editoras, revistas, associações, fazendo com que suas letras se sobressaíam em termos de difusão e de relevância atribuída a elas. Dessa forma, tal contexto de desigualdade estrutural do universo literário (Casanova, 2002, p. 32) não pode ser ignorado ao se analisar a realidade de um autor e o quanto suas ideias foram ou não difundidas e reconhecidas.

Esse contexto de desigualdade na concorrência das ideias pode elucidar não apenas a limitada difusão e reconhecimento de Austregésilo no cenário internacional, mas também a sua posição no contexto brasileiro. Até o momento, a pesquisa realizada não encontrou indícios de que suas contribuições tiveram alguma assimilação ou continuidade no campo das medicinas da mente por parte de outros autores brasileiros. Apesar de ter ocupado posições sociais de prestígio (por ex., a presidência da ABL), esse engajamento social não parece ter gerado, como consequência, um prestígio no sentido editorial ou por parte da crítica especializada, tampouco no sentido de continuidade ou mesmo contraposições às suas ideias. Aparentemente, tanto seus

pares quanto a geração que os sucedeu, nesse campo, voltaram seus esforços mais à tradução e assimilação das ideias europeias do que à discussão de obras brasileiras, ou à comparação dessas obras com aquelas importadas de além-mar.

Nesse sentido, Casanova (2002) também discute o processo de descolonização vivenciado por países que, por muito, estiveram excluídos da ideia de uma literatura própria e que reivindicam o “acesso à legitimidade e à existência literárias” (p. 26). Considera-se, contudo, que tal processo reivindicatório pode ser vagaroso e custoso, de modo que o Brasil da época de Austregésilo pode ter cedido à predominância de um “colonialismo das ideias”, no qual o capital literário nacional enfrenta uma notória desvantagem, o que inclui a desvantagem de meios materiais para a circulação e visibilidade de suas letras. As condições materiais e os agentes envolvidos na difusão das teorias são fatores que ajudam a explicar, em grande parte, quais teorias e paradigmas terão ou não notoriedade e circulação (Sapiro, Santoro e Baert, 2020, p. 26). Assim, o “Freud brasileiro”, diferente do Freud de Viena, situa-se em um contexto cujo capital literário, escrito em uma “língua de periferia” (Casanova, 2002, p. 37), tende a se dispersar em meio ao intenso predomínio das ideias e línguas europeias (especialmente, as francesas e alemãs), formando um abismo social que diferencia notavelmente os “dois Freuds”.

Contudo, as considerações sobre o contexto de vida de Austregésilo ajudam não apenas a compreender o seu esquecimento, mas também os fatores que possibilitaram seu desenvolvimento enquanto autor. Havia, no Brasil de sua época, um encontro de itinerários intelectuais que se agregaram em torno de um objetivo comum: instituir, fomentar e aprimorar o campo da medicina mental no país. Para Sirinelli (1988), a organização de um grupo de intelectuais em torno de afinidades ideológicas ou culturais compõe estruturas de sociabilidade, que acabam se concretizando, por exemplo, nas iniciativas editoriais (p. 248). No caso em questão, a fundação e manutenção do periódico *Archivos* é a representação mais evidente desse fenômeno, na qual se encontram, inclusive, muitas atas de reuniões e colóquios que discutiam as teorias e métodos das ciências da mente (por exemplo, a recepção ambígua da psicanálise entre os médicos brasileiros). Esses documentos permitem identificar os movimentos e contradições pelos quais essas ideias foram recebidas, assimiladas ou até mesmo rejeitadas.

Assim, Austregésilo inseriu-se em um movimento já existente, que constitui a pré-formação do campo da medicina mental no Brasil. Os antecedentes desse movimento podem remeter até mesmo ao período anterior à criação de uma cátedra de Psiquiatria, em 1881, uma vez que já havia diversas teses abordando questões mentais/psicológicas na Escola de Medicina da Bahia, desde 1845 (Rocha, 2004). Foi justamente nessa instituição que Juliano Moreira teve sua formação, em 1886, e na qual iria exercer seus primeiros anos de docência e, depois, assumir a direção do Hospício Nacional de Alienados no Rio de Janeiro (1903). Durante esse período, a direção de Moreira contribuiu para reunir médicos que também viriam a ser precursores e organizadores dessas áreas, dentre os quais estavam Austregésilo, bem como o mencionado Franco da Rocha – que iria auxiliar Durval Marcondes no estudo da psicanálise – entre outros nomes (Castro e Facchinetti, 2015; Oda e Dalgarrondo, 2000; Sagawa, 2007, p. 220). Portanto, pode-se dizer que esse grupo possibilitou a Austregésilo importantes processos de transmissão cultural, uma vez que, nas palavras de Sirinelli (1988, p. 255), “um intelectual se define sempre por referência a uma herança, como legatário ou como filho pródigo”.

Aparentemente, as crises que marcaram o início da Era Vargas, em 1930 (o que inclui a aposentadoria compulsória de Juliano Moreira) abalaram as interlocuções desse grupo, de modo

que seus membros se voltaram mais ao fomento da psicanálise e ao reconhecimento por parte das sociedades psicanalíticas (Castro e Facchinetti, 2015). Talvez por conta das ressalvas e diferenças que sua proposta teórica tinha com relação à psicanálise, Austregésilo não acompanhou esse redirecionamento de itinerário, até onde se tem evidências. Isso pode ter contribuído para um distanciamento de seus pares, tanto em termos de convivência quanto de compartilhamento de ideias. Foi justamente nesse período que Austregésilo assume a presidência na ABL e, possivelmente, a adota como principal grupo de convivência, dedicando-se mais às suas obras de maturidade e suas incursões no campo da literatura, afeiçoando-se pelo simbolismo. Por fim, essa conjunção de fatores também pode explicar, em parte, a descontinuidade da discussão de suas ideias no meio médico e psicológico.

Tendo isso em vista, estima-se que este ensaio sirva como apresentação sintética e introdutória sobre a obra do autor, que certamente não foi esgotada aqui, bem como contribua para elucidar distinções entre sua teoria e a teoria freudiana. Pretende-se, também, que este trabalho incentive futuros estudos, que possam explorar as obras da maturidade do autor, bem como explorar a continuidade e/ou eventuais mudanças na sua proposta de teoria e prática psicológica. Por fim, este trabalho pretende ressaltar a importância histórica do Austregésilo para a psicologia e a psiquiatria brasileiras.

Referências bibliográficas

- ABL, Academia Brasileira de Letras. Biografia de Antônio Austregésilo. [s.d.]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/antonio-austregesilo/biografia>. Acesso em: 13 set. 2023.
- ALENCAR, M. Discurso de recepção por Mário de Alencar. *Antônio Austregésilo: Discurso de recepção*, 1914. Disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/antonio-austregesilo/discurso-de-recepcao>. Acesso em: 9 abr. 2024.
- AO PROFESSOR Antônio Austregésilo. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v. 3, n. 2, p. 117-120, 1945. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anp/a/DDcc6d88L9ZgTL9Q6MXKgkB/?lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2023.
- ASSIS, J.M.M. *O alienista*. Jandira: Principis, [1882] 2021.
- AUSTREGÉSILO, A. Kraepelin: Paranoia. *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins*, n. 1, p. 134-135, 1905. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=064645epesq=epagfis=140>. Acesso em: 13 set. 2023.
- AUSTREGÉSILO, A. Novas concepções sobre histeria. *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal*, n. 1-2, p. 52-66, 1908. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=064645epesq=epagfis=1>. Acesso em: 13 set. 2023.
- AUSTREGÉSILO, A. *Pequenos males*. 2. ed. aumentada. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, [1916] 1917.
- AUSTREGÉSILO, A. *O mal da vida: ensaio de psicoterapia filosófica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1920.
- AUSTREGÉSILO, A. Psico-análise nas doenças mentaes e nervosas. *Archivos Brasileiros de Neuriatria e Psychiatria*, v. 1-2, p.87-121, 1922. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=064645epesq=epagfis=2332>. Acesso em: 13 set. 2023.
- AUSTREGÉSILO, A. A cura dos nervosos. In: AUSTREGÉSILO, A. *Obras completas*, v. V. Rio de Janeiro: Editora Guanabara (Waissman Koogan), 1946.

Havia um “Freud brasileiro”? Notas biográficas e análise teórica das primeiras obras de Antônio Austregésilo

- AUSTREGÉSILO, A. Histeria e síndrome histeroide: comunicação à Sociedade de Psiquiatria e Neurologia (*Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, Rio de Janeiro, n.1-2, p. 59-77, 1909). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.17, n. 2, p. 586-595, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/bh6yWKVrDgxGjbzVJXyqDjk/?format=pdfelang=pt>. Acesso em: 13 set. 2023.
- BRAUNSTEIN, J.; PEWZNER, E. *História da psicologia*. Trad. de A. Emílio. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- CAMARGO, C.H.F.; MARQUES, P.T.; DE OLIVEIRA, L.P.; GERMINIAN, F.M.B.; DE PAOLA, L.; TEIVE, H.A.G. Jean-Martin Charcot’s influence on career of Sigmund Freud, and the influence of this meeting for the Brazilian medicine. *Revista Brasileira de Neurologia*, v. 54, n. 2, p. 40-46, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rbn/article/view/20141>. Acesso em: 13 set. 2023.
- CASANOVA, P. *A República mundial das letras*. Trad. de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CASTRO, R.D. A recepção da psicanálise no Rio de Janeiro: subsídios para os debates sobre histeria, nervosismo e sexualidade, 1908-1919. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 24, n. 1, p. 171-177, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/kg3DdQtGHsLTSw7Rpg4Mpwt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2023.
- CASTRO, R.; FACCHINETTI, C. A psicanálise como saber auxiliar da psiquiatria no início do século XX: o papel de Juliano Moreira. *Revista Culturas Psi*, n. 4, p. 24-52, 2015. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/iciict/25838>. Acesso em: 2 dez. 2023.
- CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J.; GROULX, L-H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A.P. (orgs.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Trad. de Ana Cristina Nasser. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. p. 295-316.
- CFP, CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Durval Marcondes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 24, n. 4, p. 121-121, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/TjknXPwKjLkz4KJJ4ZJVTsB/>. Acesso em: 13 set. 2023.
- COC/FIOCRUZ. Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz. *Dicionário histórico-biográfico das ciências da saúde no Brasil, 1832-1970*. [s.d.]. Disponível em: <https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/>. Acesso em: 13 set. 2023.
- DALGALARRONDO, P.; MORAES, M.J.; CELERI, E.H.R.V.; SANTOS JÚNIOR, A. Das psicoses associadas a infecções no Brasil: 100 anos da contribuição psicopatológica de Antonio Austregésilo. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 23, n. 3, p. 646-667, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/5xRDS6rDbpWPbW7rpcSKrTM/?lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2023.
- DUBOIS, P. *Les psychoneuroses*. Trad. de S.M. Jelliffe e W.A. White. New York: Funk e Wagnalls, 1906.
- FACCHINETTI, C.; CUPELLO, P.; EVANGELISTA, D.F. “Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins”: uma fonte com muita história. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 17, n. 2, p. 527-535, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/7XmnhXmSwpdnvhY7WwnkSBn/>. Acesso em: 13 set. 2023.
- FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. I: publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)*. Trad. de José Luís Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HOTHERSALL, D.; LOVETT, B.J. *History of psychology*. 5th ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.
- JABUR, F. Austregésilo, Antônio Rodrigues Lima (1876-1961). In: CAMPOS, R.H.F. *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil: pioneiros*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2007. p. 66-68.
- MACEDO, V. A importante contribuição da obra de Nise da Silveira para a psicologia analítica de Jung. *Junguiana*, v. 39, n. 2, p. 29-42, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttextepid=S0103-08252021000200004. Acesso em: 13 set. 2023.
- MOREIRA, J. Classificações em medicina mental. *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neuriatria e Psychiatria*, n. 1, p. 93-115, 1919. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=064645epesq=epagfis=1186>. Acesso em: 13 set. 2023.
- MORETZSOHN, M.A.G. Do alienista aos modernistas e psicanalistas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 52, n. 1, p.160-177, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttextepid=S0486-641X2018000100013. Acesso em: 13 set. 2023.

- NEVES-MANTA, I.L. A psiquiatria na obra de Austregésilo. 3. ed. In: *Conferência proferida ao receber diploma de professor "honoris causa" da Universidade do Estado de Pernambuco*, 1978, Recife/PE. Recife: [s.n.], 1978. p. 1-14.
- NUNES, S.A. Histeria e psiquiatria no Brasil da Primeira República. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 17, n. 2, p. 373-389, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/KkXH8ZQZL9xtmtYtj5jLb9Q/>. Acesso em: 13 set. 2023.
- OLIVEIRA, C.L.M.V. Os primeiros tempos da psicanálise no Brasil e as teses pansexualistas na educação. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 5, n. 1, p. 133-154, 2002.
- ODA, A.M.G.R.; DALGALARRONDO, P. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 22, n. 4, p. 178-179, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/wzF5QyZ7pV-vVVF5VqRHwSHf/>. Acesso em: 2 dez. 2023.
- PERESTRELLO, M. Primeiros encontros com a psicanálise: os precursores no Brasil (1899-1937). *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 35, n. 4, p. 195-208, 1986.
- PINHEIRO, A.M. *A histeria*. Dissertação. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1848. Disponível em: <https://www.obrasraras.fiocruz.br/media.details.php?medialD=228>. Acesso em: 13 set. 2023.
- PINTO, G.A.S. *Da psicoanalise: a sexualidade nas nevroses*. Tese (Doutorado em Medicina) –Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. n. T-08,003,002. Rio de Janeiro: Biblioteca Prof. João Ferreira da Silva Filho/Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1914.
- ROCHA, N.M.D. A Faculdade de Medicina da Bahia e a preocupação com questões de ordem psicológica durante os oitocentos. In: MASSIMI, M.; GUEDES, M.C., *História da psicologia no Brasil: novos estudos*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 89-107.
- RUBIN, C.E. Entre a neuropatologia de Charcot e a psicologia de Bernheim: considerações sobre a hipnose nos primórdios da pesquisa freudiana. *Natureza Humana*, v. 19, n. 1, p. 102-127, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302017000100007. Acesso em: 13 set. 2023.
- RUSSO, J.A.; CARRARA, S.L. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: Entre a ciência e a autoajuda. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 9, n. 2, p. 273-290, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/q5JQ6MVH4ByCrFcNMFXFcrw/>. Acesso em: 13 set. 2023.
- SAGAWA, R.Y. Marcondes, Durval Bellegarde (1889-1981). In: CAMPOS, R.H.F., *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil: pioneiros*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2007. p. 219-222.
- SAPIRO, G.; SANTORO, M.; BAERT, P. Introduction. In: SAPIRO, G.; SANTORO, M.; BAERT, P. (eds.). *Ideas on the move in the social sciences and humanities*. Cham: Palgrave Macmillan, 2020. p. 25-51.
- SIRINELLI, J-F. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. *Por uma história política*. Trad. de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1988. p. 231-269.
- SOARES, J. *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SOARES, J.; SUZUKI JR., M. *O livro de Jô, v. 1: uma autobiografia desautorizada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SOKAL, M.M. Abordagem biográfica: a carreira psicológica de Edward Wheeler Scripture. In: BROZEK, J; MASSIMI, M. (orgs.). *Historiografia da psicologia moderna*. Trad. de J. A. Ceschin e Paulo José Carvalho da Silva. Versão brasileira. São Paulo: Loyola, 1998.
- TEIVE, H.A.G.; ALMEIDA, S.M.; ARRUDA, W.O.; SÁ, D.S.; WERNECK, L.S. Charcot and Brazil. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v. 59, n. 2A, p. 295-299, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anp/a/NZjdPRgbnpGmmRhnPX-88WVQ/>. Acesso em: 13 set. 2023.
- TEIVE, H.A.G.; SÁ, D.S.; NETO, O.S.; SILVEIRA; O.A.; WERNECK, L.S. Professor Antonio Austregésilo: o pioneiro da neurologia e do estudo dos distúrbios do movimento no Brasil. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v. 57, n. 3B, p. 898-902, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anp/a/WjQKtJW8n4g9vT9WSG3hnhv/?lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2023.

Havia um “Freud brasileiro”? Notas biográficas e análise teórica das primeiras obras de Antônio Austregésilo

TEIXEIRA, M.O.L. Pinel e o nascimento do alienismo. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 19, n. 2, p. 540-560, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1808-42812019000200012. Acesso em: 2 dez. 2023.

TEIXEIRA, M.O.L.; RAMOS, F.A.C. As origens do alienismo no Brasil: dois artigos pioneiros sobre o Hospício de Pedro II. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 15, n. 2, p. 364-381, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/CDJLGj8ZFKZgdwcSHMwN4LQ/>. Acesso em: 2 dez. 2023.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa. *Temáticas*, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 13 set. 2023.

WERTHEIMER, M.; PUENTE, A.E. *A brief history of psychology*. 6th ed. New York: Routledge, 2020.

Recebido em setembro de 2023

Aceito em dezembro de 2023